

COSMOLOGIA, DIVERSÃO E INGERAMENTO NA BRINCADEIRA DE BOI-BUMBÁ EM PARINTINS, NO AMAZONAS.

Yago Pereira da Silva

Graduando em Bacharel em Direito da Faculdade Santa Teresa. ORCID: 0009-0003-3261-8067. E-mail: yagopereiradasilva2022@gmail.com

Rosimay Corrêa

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia-IFAM- Campus Parintins. ORCID.: 0000-0002-7218-4238. rosimay.correa@ifam.edu.br

Resumo: Este trabalho está voltado ao estudo dos bois-bumbás de Parintins, no Amazonas, que no Festival Folclórico correspondem ao item 10, boi-bumbá evolução, cuja *performance* envolve gestos e movimentos de um boi real. No passado, a confecção desse item era feita com materiais rústicos, como: curuatá, caixa de papelão, cabeça dissecada de boi, galhos de árvores entre outros. Aos poucos foram experimentados outros tipos de materiais até a confecção do “boi biônico” pelo Mestre Jair Mendes. Nesse momento surgiram os primeiros movimentos do boi que também foram aperfeiçoados por seus sucessores, tornando-o cada vez mais leve e maleável. Para o boi evoluir é necessário que o tripa, ou seja, o homem que fica embaixo do boi, se ingere em um boi real para dar vida ao boi de pano nas aparições que faz em diversos momentos das apresentações no festival. O aporte teórico e metodológico corresponde ao das Ciências Humanas e Sociais, num diálogo interdisciplinar entre Sociologia, Antropologia e História. A coleta e análise de dados é parte do resultado final do Relatório de Pesquisa na modalidade PIBIC Jr. (2023-2024), apresentado ao Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Parintins. Ao final, este trabalho reconhece a criatividade do artista parintinense que inserido no universo da cosmologia amazônica utiliza do dispositivo do ingeramento como um mecanismo de reflexão e de aquisição de potencialidades de elementos naturais e culturais para desenvolver suas *performances* no cotidiano e nas apresentações no Festival de Parintins.

Palavras-chave: cosmologia; ingeramento; boi-bumbá; Parintins.

Abstract: This work focuses on the study of the bois-bumbás from Parintins, in Amazonas, which in the Folkloric Festival correspond to item 10, boi-bumbá evolution, whose performance involves gestures and movements of a real ox. In the past, this item was made with rustic materials, such as: curuatá, cardboard box, dissected ox head, tree branches, among others. Little by little, other types of materials were experimented with until the creation of the “bionic ox” by Master Jair Mendes. At that moment, the ox’s first movements appeared, which were also improved by his successors, making it increasingly lighter and more malleable. For the ox to evolve, it is necessary for the tripa, that is, the man underneath the ox, to ingest himself into a real ox to give life to the cloth ox in the appearances he makes at various moments during the festival’s performances. The theoretical and methodological contribution corresponds to that of the Human and Social Sciences, in an interdisciplinary dialogue between Sociology, Anthropology and History. Data collection and analysis is part of the final result of the Research Report in the PIBIC Jr. modality (2023-2024), presented to the Research and Postgraduate Department of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazonas, Campus Parintins. In the end, this work recognizes the creativity of the artist from Parintins who, inserted in the universe of Amazonian cosmology, uses the device of ingeramento as a mechanism for reflection and acquisition of the potential of natural and cultural elements to develop his performances in everyday life and in presentations at the Parintins Festival.

Keywords: cosmology; ingeramento; boi-bumba; Parintins.

INTRODUÇÃO

Os primeiros registros do bumba-meu-boi no Brasil datam o século XIX na cidade de Recife. O boi era representado por um negro que morria e ressuscitava para o divertimento das pessoas. Acompanhado de outras personagens, como a burrinha, a caipora, o bêbado Mateus e o padre que dançavam ao som de vilas e pandeiros, caíam e apresentavam-se de forma ridícula para a alegria ou incômodo dos espectadores (Valente, *Apud* Braga, 2002).

Na Amazônia, têm-se a data de 1850 como o marco das primeiras notícias do bumbá, nas cidades de Belém e Óbidos, chamado de boi Caiado. Na primeira localidade, o grupo era formado por meninos pretos, pardos e brancos que saíam pelas ruas provocando badernas, brigas que podiam resultar em morte, bem como atentados à moral da época. Na segunda, era composta majoritariamente por ne-

gros que eram perseguidos e ameaçados pelas autoridades policiais e até pela elite da época. Isto demonstra que as origens dos bumbás estão ligadas visceralmente aos negros¹ e às camadas populares da sociedade (Ibidem, p.133).

O boi-bumbá na Amazônia tem como enredo central o auto do boi que, segundo Ypiranga (1964, p.54), é “tão universal esse auto na Amazônia, que se pode encontrá-lo até nos recessos dos seringais”. E que consiste basicamente na morte e ressurreição do boi que foi dado de presente pelo fazendeiro à sua filha, mas que devido ao desejo de Catirina, seu esposo, o vaqueiro Francisco, mata o boi e tira a língua para ela comer. Após a descoberta desse crime e ele ser capturado, o vaqueiro recorre ao médico, ao padre e ao pajé para ressuscitarem o boi.

Essa trama corresponde ao que o folclorista Mário de Andrade (1982) denomina de *danças dramáticas*, que correspondem aos folguedos populares observados por ele durante viagem ao Nordeste brasileiro. Entre os reisados, onde tematizam a morte e ressurreição da planta ou bicho, destacou-se o bumba-meu-boi, como um resquício das culturas arcaicas no nosso tempo. “Por essa razão, para ele o bumbá emerge como o elo de brasilidade com a dimensão universal das culturas humanas” (Cavalcanti, 2022, p.143).

O Festival Folclórico de Parintins, no Baixo Amazonas, tem sua origem no ano de 1966, sendo realizado no mês de junho, estando em 2026, na sua 59^o edição. Esta manifestação cultural reúne quadrilhas, boi mirim² e nas três últimas noites de festival, apresentam-se os bois-bumbás Caprichoso e Garantido. O boi Caprichoso possui uma estrela na testa e defende as cores azul e branco, e o Garantido traz um coração na testa e suas cores são vermelho e branco. O vencedor do festival será aquele que, de acordo com a avaliação dos jurados, alcançou as maiores notas e realizou uma excelente *performance* na arena do Bumbódromo³ (Braga, 2002).

O boi Garantido tem suas origens à família do pescador e filho de açorianos Lindolfo Monteverde e o Caprichoso fora criado pelos irmãos cearenses Roque e Antônio Cid, e família Gonzaga, ambos por volta do ano de 1913. Na época, outros bois-bumbás (Campineiro, Diamantino e Fita Verde) também se apresentavam pelas ruas dessa cidade iluminada somente pelas lamparinas e fogueiras dedicadas aos santos juninos. A preferência popular e a rivalidade entre os bois Garantido e

1 Segundo Trindade (2023), a origem do boi-bumbá em Parintins tem relação direta dos povos afro-descendentes da Amazônia, principalmente quando se observa a presença do batuque que delimita a dança nos bois.

2 Em Parintins existem 4 Bois Mirins que são: Tupi, Mineirinho, Estrelinha e Campineiro Ver (Iphan, 2018).

3 Anfiteatro onde é realizado o Festival Folclórico de Parintins.

Caprichoso tornaram esta manifestação sociocultural num grande espetáculo conhecido internacionalmente (Lemos, 2005; Cavalcanti, 2022).

A apresentação dos bois conta com a participação de 21 itens, entre eles, temos: Apresentador, Levantador de toadas, Amo-do-boi⁴, Sinhazinha⁵, *Cunhã-poranga*⁶, Rainha do Folclore, Pajé⁷, Boi-bumbá evolução⁸ entre outros. Vale destacar ainda a postura do item 19, Galera, que no momento da apresentação do boi contrário, se mantém em silêncio e não se manifesta, pois, caso contrário poderá levar o seu boi-bumbá à perda de pontos.

A galera é um item que interage durante toda a apresentação do boi-bumbá. Canta as toadas e realiza movimentos sincronizados que acrescentam energia ao espetáculo. Os bois-bumbás, por sua vez, são confeccionados de material leve e que comporta embaixo deles um homem, o tripa⁹, que faz os movimentos dos bois parecerem reais.

Este trabalho estuda a cultura amazônica, em especial, o Festival Folclórico de Parintins, com ênfase ao boi de pano e sua evolução. O tripa é o responsável pelo bailado e pelos movimentos que o boi-bumbá realiza. Esta sinergia entre boi de pano e tripa se espelha aos brincantes e galera, contagiando ainda a todos que assistem a sua apresentação.

Nos seus estudos sobre a cosmologia amazônica, Wawzyniak (2012), “postula o reconhecimento da existência de seres com o poder de transformar sua aparência e com os quais se estabelecem relações sociais”. A conexão entre boi de pano, tripa, brincantes e galera compõe uma relação mítica que pode ser, possivelmente, resumida na expressão “brincar de boi”, ou seja, pode-se pensar que as

4 No Festival Folclórico de Parintins, o Amo do boi é o dono da fazenda, ele é o responsável por tirar os versos que exaltam o boi (Andrade, 2013).

5 No auto do boi, a Sinhazinha é a filha do fazendeiro, ela recebeu o boi de presente do pai, mas que é morto pelo vaqueiro Francisco que tira a língua do boi para satisfazer o desejo da sua mulher, Catirina, que está grávida. Ao ser descoberto, Francisco pede ajuda de um médico e/ou, padre e/ou pajé que ressuscita o boi (Cavalcanti, 2022).

6 No Festival Folclórico de Parintins, o termo *cunhã-poranga* significa moça bonita. Ver: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/01/11/saiba-o-que-e-cunha-poranga-personagem-folclorico-representado-por-isabelle-nogueira-participante-do-am-no-bbb-24.ghtml> Acesso em: 24.09.2024

7 No Festival de Parintins, o pajé representa o guardião dos conhecimentos das rezas e ervas que curam, além de transitar no mundo dos encantados. Ver Andrade (2013).

8 O Boi-Bumbá Evolução corresponde ao item 10, é neste item que os tripas dos bois Garantido e Caprichoso competem entre si, sendo avaliados geometria idêntica e movimentos de um boi real, bailado e coreografia.

9 O tripa é o artista que confecciona e dança em baixo do boi de pano, dando vida e movimentos que imitam o boi real. Ver Braga (2002).

peças se ingeriam em boi, voltando ao tempo primordial onde a relação com os seres das águas e das florestas era mais próxima e respeitosa.

O aporte teórico metodológico adotado neste trabalho corresponde ao das ciências Humanas e Sociais, num diálogo interdisciplinar entre Sociologia, Antropologia e História, tendo como suporte de campo a etnografia (Geertz, 1989) e a História Oral (Meihy, 2005). A coleta e análise de dados é resultado final do Relatório de Pesquisa na modalidade PIBIC Jr. (2023-2024), apresentado ao Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus Parintins*.

OS BOIS DE PANO

Como foi mencionado anteriormente, os primeiros registros da brincadeira do boi na Amazônia fazem referência ao Estado do Pará, no século XIX. Sendo associada à presença dos escravos negros, praticantes de capoeira que, segundo pesquisadores, provocavam badernas e a repressão da polícia. No Amazonas, o médico viajante Avé-Lallemant¹⁰ escreve sobre o boi-bumbá como uma espécie de “cortejo pagão” em homenagem aos santos Pedro e Paulo na cidade de Manaus. Havia neste cortejo, a figura do pajé, do boi morto, danças, coros e luzes que impressionaram este viajante (Cavalcanti, 2022).

Para Braga (2002), os primeiros brincantes do boi-bumbá, em Parintins, eram pessoas das classes mais baixas que saíam pelas ruas batendo palminhas ao redor das fogueiras, sendo consideradas marginais e não civilizadas¹¹. “Para ser brincante no ‘Boi de antigamente’ era preciso ter coragem para enfrentar as elites hipócritas e os estereótipos vigentes, já que o som e a dança que vinham das ruas eram vistos como ‘coisa de pretos vadios’” (Revista Boi Caprichoso, 2022, p.99).

Em 1965, o grupo de jovens Juventude Alegre Católica (JAC) resolveu organizar uma quermesse para que os brincantes dos bois-bumbás pudessem realizar suas apresentações, interrompendo com os confrontos físicos que ocorriam na época, e ainda, visando a arrecadação de recursos para a construção da Catedral (Trindade, 2023). Foi nessa proximidade com a igreja que nasceu o Festival Folclórico de Parintins, para “educar” o povo e evitar os confrontos físicos entre os brincantes e torcedores dos bois-bumbás.

A partir de 1966, deu-se início à disputa entre os bois-bumbás, conqui-

¹⁰ Robert Christian Avé-Lallemant (1812-1884), médico viajante alemão ficou conhecido por sua influência no sistema médico brasileiro e realizou viagens exploratórias pelo Brasil. Em 1859, quando estava hospedado em um hotel, viu a brincadeira do boi-bumbá passando pelas ruas de Manaus.

¹¹ Sobre o conceito civilização, ver Elias (2011).

tando a cada ano numerosos simpatizantes e torcedores para além do território parintinense. Atualmente, esta manifestação cultural recebeu o título de patrimônio cultural do Brasil¹², reconhecido internacionalmente, contribuindo para elevar esta cidade ao roteiro turístico mundial.

As figuras centrais do festival são os bois-bumbás, Garantido e Caprichoso, cujas apresentações são feitas por meio de alegorias¹³, danças, encenações e toadas que refletem o olhar do homem amazônico entrelaçado à influência das culturas africana, europeia e indígena.

O ápice dessas apresentações, durante as três noites do Festival, se dá quando os bois evoluem na arena do Bumbódromo, para o delírio da galera que vibra com cada *performance* apresentada. Os movimentos são realizados de maneira minuciosa para que o torcedor e o espectador percebam que eles correspondam, de fato, aos movimentos de um boi real.

E toda essa evolução só acontece devido à tecnologia manual¹⁴ criada e aprimorada por gerações de artesãos, que brincam embaixo do boi, conhecidos como tripa, sendo os responsáveis de realizar vários movimentos que requerem resistência física e habilidade manual para aproximar, o máximo possível, o boi de pano ao boi de carne e osso.

Segundo Denildo José Matos Pinheiro (52 anos), mais conhecido como Piçanã¹⁵, ex- tripa¹⁶ do boi Garantido, “o boi, sem o tripa, ele não é um boi. Ele é apenas uma estátua. Ele fica assim, como está aquele ali, e não se mexe. Só se mexe quando o tripa está embaixo, e se torna um boi real” (entrevista, 2024).

12 O Festival Folclórico de Parintins que é conhecido internacionalmente recebeu em 2018, o título de Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e a cidade de Parintins foi reconhecida como Capital da Cultura e do Folclore Amazonense (2012) e Capital Nacional do Boi Bumbá (2017).

13 Ver Gomes (2014).

14 Ver Revista do Boi Caprichoso, 2022.

15 Tripa do boi Garantido desde 1995. Além do tripa oficial, existem os tripas auxiliares que revezam com ele, visto que o boi realiza várias aparições durante as três noites do festival, e ainda participa dos eventos realizados no período do festival e em outros eventos quando são convidados.

16 Na última noite do Festival Folclórico de 2025, Denildo Piçanã realizou simbolicamente a passagem da função de tripa do boi Garantido ao filho Denison Piçanã. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/festival-de-parintins/2025/noticia/2025/06/30/denildo-picana-se-despede-do-posto-de-tripa-do-boi-garantido-e-passa-a-tradicao-para-o-filho-no-58-festival-de-parintins.ghhtml> Acesso em: 14.07.2025

Alexandre Azevedo (40 anos), filho de Marquinho Azevedo¹⁷, atual tripa do boi Caprichoso, acrescenta ainda que,

o tripa do boi é a alma do boi. Sem o tripa o boi não tem vida, né? Ele fica inerte ali. Então ele entra, ele dá o sopro de vida no boi, naquele momento que eu pego o boi, ele cria vida, é uma magia que é uma coisa inexplicável. Então, é uma peça muito importante porque ele tá dando vida à paixão de uma multidão, né? Então ele tem essa importância de ser a alma do brinquedo de paixão da galera azul e branca (entrevista, 2024).

Para eles, o tripa é a alma do boi, é ele que o sustenta, nutre o boi de pano de energia vital fazendo-o andar, dançar, simular comer capim e sal, mexer a cabeça, o rabo, as orelhas, piscar e mugir, semelhante ao boi real. “O tripa é a mola mestra da evolução do boi e sempre inova em suas apresentações. Se o boi não tiver um bom tripa certamente não passará emoção ao expectador” (Andrade, 2013, p.57). O tripa e o boi de pano constituem o boi-bumbá, sendo representado pela imagem de um boi com pernas de homem. Ele realiza os movimentos de um boi real, mas se difere deste porque realiza também um elegante bailado que os torcedores e brincantes vibram apaixonadamente.

O tripa dá vida ao boi de pano e à cada apresentação melhora a evolução do boi. Para alcançar esse objetivo, foram realizadas várias adaptações na confecção dos bois, tanto na parte da execução de movimentos quanto na utilização de materiais para tornarem o boi mais leve e flexível. Desde caixas de papelão, galhos de árvores, curuatá¹⁸, madeira até a confecção do boi biônico¹⁹ feito pelo artista Jair Belém Mendes²⁰ (82 anos), que introduziu o ferro. Como explicou este artista, numa entrevista em 2019, ao escritor Simão Pessoa²¹:

como um boi articulado também era uma novidade jamais vista em Parintins, o povo começou a chamar o Garantido de “boi biônico”, porque

17 Tripa do boi Caprichoso por mais de 30 anos, faleceu em 2023 e deixou o legado ao filho e seus familiares. A confecção do boi de pano é realizada pelo artesão que é tripa e por uma equipe que é composta basicamente por membros de sua família.

18 O curuatá corresponde ao invólucro das flores das palmeiras.

19 Inspirado na série norte-americana, O homem de seis milhões de dólares, nos anos de 1974 a 1978, versa sobre a vida do ciborgue Steve Austin conhecido no Brasil de o homem biônico. Ver Silva e Corrêa (2024).

20 O artista Jair Mendes faleceu no dia 15 de março de 2025, aos 82 anos.

21 Artigo *Jair Mendes e a invenção do “boi biônico”* Disponível em: <https://kandyru.com.br/causos-de-bambas/jair-mendes-e-a-invencao-do-boi-bionico/> Acesso em: 19.04.2024

ele mexia as orelhas, balançava a cabeça e o rabo, comia capim, pintava e bordava. A partir daí eu comecei a introduzir coisas novas nas apresentações do boi. A primeira alegoria com movimentos foi feita em 1979 e representava a Iara, a Mãe- D'água, com a participação da minha filha. Cada vez mais eu ia encaixando estas coisas, figuras engraçadas, lendas indígenas, cobra grande, bicho folharal, negrinho do campo grande, que hoje não tem mais, então cada ano era uma inovação e eu era o único artista que fazia estas coisas em Parintins, de dar movimentos quase reais às alegorias. O boi Caprichoso só começou a se mexer em 1986 porque, aproveitando um desentendimento com a diretoria do Garantido, eu fui para o Caprichoso. Foi aí que o boi passou a se mexer também.

O boi criado por este artista foi uma novidade no festival na década de 1970, provocando euforia nos torcedores e nos organizadores dos bois. Ele passou a usar papelão, madeira e ferro para fazer a estrutura do boi, “no meio do corpo dele (do boi), tem a mochila, para lá pro pescoço, até chegar na cabeça é só esponja, agora ela era sanfonada” (Jair Mendes, entrevista, 2024). Este novo modelo possibilitou a realização dos primeiros movimentos no boi que antes era estático e pesado, feito somente com materiais extraídos da natureza.

Mestre Jair Mendes, como era chamado pelas antigas e novas gerações de artistas plásticos dos bois-bumbás, nasceu no dia 02 de junho de 1942 em Parintins, filho de comerciante judeu com uma amazonense. Este artista foi considerado o pioneiro na confecção das alegorias e em dar os primeiros movimentos aos bois-bumbás de Parintins.

Ainda jovem, ele foi convidado pelo próprio Lindolfo Monteverde, fundador do boi Garantido para ajudar na pintura do boi, como descreveu, na mesma entrevista, ao escritor Simão Pessoa ²²:

quando eu tinha uns 15 anos, Seo Lindolfo Monteverde, que era muito amigo do meu pai, sabendo que eu gostava muito de desenhar e de pintar, me convidou para que eu fosse ajudar a pintar as alegorias²³ do boi Garantido. Naquele tempo, o boi era feito de pau e de cipó, sendo que a cabeça era uma caveira de boi de verdade. A armação era forrada de

²² Artigo *Jair Mendes e a invenção do “boi biônico”* Disponível em: <https://kandyru.com.br/causos-de-bambas/jair-mendes-e-a-invencao-do-boi-bionico/> Acesso em: 19.04.2024

²³ Segundo Gomes (2014), as primeiras alegorias no festival foram criadas por Jair Mendes na década de 1970, supomos que, no período constado na citação acima, as alegorias ainda não existiam de fato.

capim, com um pano por cima imitando o couro. Pesava uma tonelada. Para ser tripa do boi a pessoa precisava ter muita força, tinha que ser um verdadeiro Sansão²⁴, Maciste²⁵ ou Hércules²⁶.

Veja-se que, anterior ao “boi biônico, os primeiros protótipos do boi eram rústicos e pesados que dificultava a realização do bailado pelo tripa, sendo necessário um grande esforço físico para carregá-lo. Foi na década de 1970, como foi mencionado, anteriormente, que, após retornar do Rio de Janeiro onde teve contato com as escolas de samba Portela e Salgueiro, aprendendo a técnica da serigrafia e artes plásticas, que Jair Mendes revolucionou o festival, dinamizando as suas apresentações. Como descreveu, ainda, a Simão Pessoa ²⁷:

no início de 1978, Jair Mendes, que desde o ano anterior era responsável pelas alegorias do bumbá exibidas na arena, falou para Lindolfo Monteverde que seria capaz de criar um boi mais leve, com armação em espuma, o que facilitaria o bailado do tripa durante a brincadeira, além de dotar a armação de movimentos semelhantes aos de um boi de verdade.

Em entrevista a Braga (2002, p. 113), Jair Mendes ressalta: “o boi todo era duro, esta figura do boi Caprichoso, que é adorado aí, eu que fiz; todos os dois”. Destaque-se que, foi também ele que deu os primeiros movimentos ao boi Caprichoso, confeccionou os cavalos da vaqueirada²⁸, e ainda foi o primeiro tripa que deu os primeiros movimentos em ambos os bois. Isto demonstra a sua imensurável contribuição, bem como a de outros artistas, muitas vezes anônimos²⁹, para a ascensão do Festival de Parintins aos patamares elevados da cultura.

A partir daí, se seguiriam, ao longo dos anos, uma série de adaptações e modificações na confecção dos bois de pano feitas pelos sucessores de Jair Mendes. O seu sucessor no boi Garantido foi o artesão Piçanã, e no Caprichoso foi o também artesão Marcos Azevedo, mais conhecido como Marquinho Azevedo. Estes artistas

²⁴ Sansão foi um juiz bíblico dotado de extraordinária força. Suas histórias são narradas no Livro dos Juízes (13-16) e no Novo Testamento (Hebreus 11,32).

²⁵ Representa um herói mitológico, considerado um apelido de Hércules que era dotado de descomunal força para realizar feitos heroicos.

²⁶ Filho de Zeus com a mortal Alcmena, era um semideus que possuía incomparável força.

²⁷ Artigo *Jair Mendes e a invenção do “boi biônico”* Disponível em: <https://kandyru.com.br/causos-de-bambas/jair-mendes-e-a-invencao-do-boi-bionico/> Acesso em: 19.04.2024

²⁸ A vaqueirada representa os guardiões do boi, é formada por vaqueiros/vaqueiras montados em cavalos de pano e que carregam lanças. Ver Andrade (2013).

²⁹ Ver Trindade (2023).

aprenderam com Mestre a técnica da confecção do boi, e realizaram novos aprimoramentos, como explicou Piçanã:

quando eu peguei do Jair, o boi pesava 50 (cinquenta) quilos. Aí quando ele passou o boi para mim, que eu comecei a fazer, aí eu comecei a trocar. O que era isopor, eu colocava fibra³⁰, porque a cabeça naquela época era isopor. Aí eu fiz uma forma de fibra, para fazer a cabeça de fibra, o corpo também era pastelagem³¹ com isopor, eu troquei para fibra e ele é feito de 24 (vinte e quatro) pedaços, a orelha que era também de isopor eu troquei para emborrachado, tudo isso fui trocando, o rabo, de juta, a barra, tudo, tudo. Aí tem a juta, que é do rabo, tem várias coisas, tem as tintas, tem boca, tem tudo, de juta e de sisal³². Sisal é aquela palha que põe na saia dos pajés, aquela é a sisal, aí eu coloquei juta, mais leve (entrevista, 2024).

Esse artesão passou a confeccionar o boi, assim como ocorre na confecção do Caprichoso, em partes separadas, sendo um total de 24 pedaços, utilizando ainda um molde padrão para o corpo e para a cabeça, levando a uma celeridade e precisão nessa fabricação, que geraram um refinado acabamento, facilitando a realização dos movimentos no boi. Note-se que, a criatividade desses artistas possibilitou a apresentação de um boi cada vez mais próximo do real. “O artista sempre foi um espírito irrequieto, capaz de dar vida aos objetos inanimados” (Costa, 2020, p.119).

Segundo Alexandre Azevedo, após o seu pai receber o boi Caprichoso de Jair Mendes, ele também introduziu novas tecnologias para aprimorar os seus movimentos e sua geometria física. Ele destacou, ainda, as inovações que seu pai realizou também no boi Garantido, explicando ainda como ocorre o processo atual de confecção do boi,

30 A fibra de vidro é um material utilizado pelos artistas a confecção do boi. Consiste em finos filamentos de vidro que apresentam maior resistência, durabilidade e flexibilidade em diversas aplicações. É um material versátil que pode ser moldado de diversas maneiras, formas e tamanhos diferentes, criando estruturas com bastante precisão.

31 Consiste no envelopamento com uso de cola e papel para dar um melhor acabamento às esculturas.

32 O sisal (*Agave sisalana*, família *Agavaceae*) é originário da América Central, cujas fibras são mais comumente utilizadas na produção de diversos objetos de artesanato e decoração.

o Caprichoso não tinha estrela na testa, até em 1996. Então, o meu pai, ele tinha uma trajetória no Caprichoso, teve um problema, ele foi tirado do Caprichoso e o Garantido pegou e, levou ele para lá, em 1994-1995. Foi quando ele também inseriu lá no Garantido o coração pulsante na testa do Garantido, que ficava pulsando a luz. E até hoje é isso lá. Quando ele voltou em 1996, foi quando ele também incrementou a estrela na testa do Caprichoso. E até hoje veio, tem algumas modificações. A estrela era de espelho, hoje ela é azul, de led³³. Então, ele tem essas duas marcas nos dois bois (entrevista, 2024).

a confecção do boi, na verdade, sempre foi da família Azevedo. O meu pai, o meu tio, meus primos, a gente se insere nessa confecção, uma equipe. E ficou a mesma equipe, menos o papai. Não pode estar entre a gente mais, mas é uma confecção cem por cento da família Azevedo. O Caprichoso ele é isopor, papel de pastelagem, fibra de vidro. Vem a tinta e veludo. E o cetim, que é a barra. Ele é esculpido em isopor, pastelado com papel e o chifre é também esculpido em isopor, pastelado e fibrado para dar uma segurança máxima. O corpo é esponja e fibra de vidro (entrevista, 2024).

Os aprimoramentos ocorridos na confecção dos bois de pano são resultados, também, do contato desses artistas com as tecnologias utilizadas na confecção dos carros alegóricos nos grandes centros carnavalescos do país (Gomes, 2014). Com estes conhecimentos, os artistas locais buscaram aplicar e adaptar novos materiais e técnicas na confecção das alegorias e na criação de um boi sob os critérios da estética, maleabilidade e segurança.

Assim, o boi-bumbá se configura como parte expressiva da cosmologia amazônica como o resultado do entrelaçamento do tripa, boi real e boi de pano. Ou seja, inspirado no boi real, o tripa dá vida e movimentos ao boi de pano, enquanto que este, lhe emana força, vigor, alegria e imortalidade entre outras que são simbologias do boi real. Esta relação se fortalece, ainda mais, em virtude de uma profunda conexão entre o homem e as forças da natureza. “O homem amazônico foi dominando a natureza enquanto que ia sendo por ela dominado como forma imaginal motivadora” (Loureiro, 2001, p.16).

33 A palavra LED significa “Light Emitting Diode” (Diodo Emissor de Luz, em português). Trata-se de um componente que converte eletricidade em luz, com pouco consumo de energia.

COSMOLOGIA E O INGERAMENTO NO BRINCAR DE BOI

Além do potencial natural que a Amazônia possui, vale destacar outro elemento próprio dessa região, o homem amazônico, que elabora cosmologias próprias e estabelece sua relação com a realidade. “O homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos e à estetização” (Ibidem, p.38).

As florestas, as matas, as águas não são apenas recursos naturais, mas os lugares onde habitam os espíritos, bichos e seres encantados. Estes espaços estão carregados de uma aura sobrenatural que o homem amazônico evita adentrar sem antes proferir um pedido de permissão aos “donos” desses lugares. “Não conhecem outras normas de propiciação para obter a boa vontade ou interferência desses sobrenaturais, que seguir a regra fundamental de evitar o abuso, ou simplesmente evitar a própria entidade, quando se apresenta inesperadamente” (Galvão,1976, p.80).

Os encantados podem levar para o fundo das águas, as pessoas por quem se agradam, podendo se transformar em seres humanos para frequentar vários lugares em busca de companhia e diversão. “O boto encantado apresenta-se diante de suas vítimas sob forma humana, seduzindo-as e mantendo relações sexuais com elas” (Maués,1995, p. 195). Se a vítima não receber o tratamento do pajé³⁴ ou curador³⁵, ela poderá enfraquecer e até morrer, atirando-se ao rio.

Paradoxalmente, estes seres podem, também, realizar a cura para as doenças que envolvem o mau-olhado³⁶, flechada de bicho³⁷, panema³⁸, ataque de boto entre outros que são desconhecidas pela medicina convencional. “Os encantados ou *caruanas*, na verdade constituem o elemento mais importante, pois são eles que, com sua presença, incorporando-se nos pajés, comandam todas as ações e o tratamento dos doentes” (Maués,1995, p.188).

34 Ver Trindade (2013).

35 As práticas de curas não oficiais que ainda existem na região de Parintins são: parteiras, erveiros e erveiras, curadores, benzedeiros, pegadores de ossos ou consertadores de desmintaduras, costuradores de rasgaduras, sacacas. Ver Trindade (2013).

36 O mau-olhado de gente perversa e invejosa pode causar um mal-estar nas crianças recém-nascidas. Ver Galvão (1976)

37 A flechada de bicho afeta qualquer parte do corpo exceto a cabeça e as cruzes. Somente um pajé habilitado poderá curar o doente, caso contrário, o levará a morte. Ver Maués (1995).

38 Má sorte, é um mana negativo. Ibidem

Conforme os estudos da pesquisadora, Maria Audirene de Souza Cordeiro³⁹, o tratamento das doenças ocorre por meio do ingeramento,

me chama a atenção esse curador sacaca, que me deu a seguinte explicação: - Veja bem, quando a judiaria (que é a categoria para doenças) acontece no estômago, eu me ingero numa cobra, surucucu bico de jaca, porque eu uso, eu sugo com a minha boca o veneno, mas eu não me enveneno. Mas se é a judiaria é na cabeça, pouco me vale me ingerar numa cobra, porque eu preciso me ingerar no gavião real, porque do alto eu vejo onde está a judiaria na cabeça e com as minhas garras de gavião eu tiro (entrevista, 2024).

Segundo ela, a fala do curador demonstra a existência de uma forte crença nos poderes não convencionais de cura, muito comum na cosmologia amazônica. O termo *sacaca* acrescentado à palavra *curandeiro* significa que este possui altos poderes no tratamento de doenças, como reforça Galvão (1976) “os pajés *sacaca*, isto é, são pajés com poderes especiais que viajam pelo fundo d’água, revestem-se de uma ‘casca’ de cobra grande para essas travessias”.

Ao se ingerar em cobra ou em gavião, ele capta as habilidades desses seres para efetuar o tratamento das doenças, mas isto não significa que ele, se transforme literalmente nesses animais, como explica, ainda, o curador à pesquisadora: “mas eu não me transformo para sempre numa cobra, nem num gavião, nem num jacaré, eu só me ingero, eu sou sem deixar de ser” (entrevista, 2024). Isto é, ele adquire as forças e poderes desses animais para localizar e executar o tratamento da doença.

É nesse imaginário que o artista mergulha e retira os elementos primordiais para a criação das apresentações dos bois no festival folclórico. Ou seja, a *performance* dos bois Garantido e Caprichoso é inspirada também na atmosfera do ingeramento,

em cada uma das noites, as duas agremiações folclóricas desvelam, numa crescente, a potência cosmo-ontológica desse ingeramento. Para tanto, cada uma delas escolhe um tema - fio condutor do espetáculo - que revele diferentes perspectivas da cosmologia amazônica, ou seja, narre o pensamento ameríndio. Nada é apresentado pronto aos olhos do público. Tudo vai se ingerando (Cordeiro, 2017, p.254).

39 Pesquisadora e professora do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia de Parintins- ICSE-Z-UFAM.

As apresentações dos bois-bumbás visam ser inéditas com muitas novidades e movimentos nas alegorias, de forma que, a cada aparição ou montagem dos blocos alegóricos na arena do Bumbódromo, surge uma atmosfera mágica e fora da realidade, despertando sentimentos e emoções adormecidas na memória ancestral dos espectadores.

No que diz respeito ao processo de criação dessas *performances*, em especial, ao das coreografias do item Boi-Bumbá Evolução, elas resultam de uma intensa interação entre coreógrafos, dançarinos, torcedores e brincantes em torno da figura do boi⁴⁰. Como explicou o brincante e dançarino do Caprichoso, Jarlison Azevedo da Costa (18 anos), “a coreografia em si é um conjunto: É a coreografia, o dançarino e a toada. Eles se juntam e realmente, se estivesse um boi em cima da gente, era como se a gente mesmo estivesse evoluindo” (entrevista, 2024). Veja-se que, de acordo com este brincante, é necessário sentir-se como se estivesse embaixo do boi, semelhante ao tripa, para assim captar os movimentos, as potencialidades, o ponto de vista do boi real e transformá-los em coreografias. Para Wawzyniak (2003, p.40):

outra característica das cosmologias e teorias ontológicas amazônicas relacionadas à citação anterior, e que merece ser salientada, consiste na existência de diferentes pontos de vista relacionados ao corpo como lugar da diferença, pontos de vista que variam de acordo com a permutabilidade dos corpos dos seres.

Estar debaixo do boi, como um tripa, simboliza ser parte do corpo do boi, e por isso, ter o ponto de vista dele. Nesse processo, os dançarinos e brincantes entram no universo do boi-bumbá e seus corpos adquirem plasticidade e potencialidades múltiplas, produzidas pelo ingeramento. Assim, o dançarino sente que, naquele instante, evolui como um boi real.

Nessa forma de criação, os coreógrafos procuram, inicialmente, observar os movimentos naturais de um boi real, para em seguida, estilizá-los e transformá-los em linguagem corporal, considerando também o ritmo, as narrativas das toadas e a sua vivência na região. Como explicou Adriano Jorge Simas da Silva, o Paquetá⁴¹, (38 anos), coreógrafo do boi Garantido,

⁴⁰ A fascinação do homem pelo boi remonta aos povos antigos em todo o planeta, como na lenda do Minotauro na Grécia Antiga e a simbologia religiosa da vaca na Índia. Ele é sinônimo de força, divindade, altruísmo, coletividade entre outros. Ver Gonzaga (2002).

⁴¹ Além de coreógrafo, Adriano Paquetá defende o item 12- Pajé, no Garantido.

sobre as características de movimento, o critério que a gente usa é a vivência. O modo de como nós buscamos a vivência do caboclo, por exemplo, o modo como o boi se movimenta. A forma que um pescador pesca, os utensílios que ele utiliza para essa prática. Assim como também o juiteiro, a erveira, então são vários critérios que a gente usa para fazer esse laboratório coreográfico. A gente busca sempre valorizar as características de cada toada, quanto ela exige de performance, no caso, mostrar essa realidade do caboclo, do boi, do jeito como ele se movimenta no pasto, quando são os vaqueiros, é como o modo como o cavalinho trota. Claro que tudo isso também tem a folclorização por conta do espetáculo, dessa amplitude que é o Festival (entrevista, 2024).

A observação e a vivência cotidiana na região amazônica servem de subsídios para que esses artistas transformem, por exemplo, os movimentos que o boi faz ao balançar a cabeça, inclinar o tronco, trotar, galopar, em coreografias. O artista parte daquilo “que está relacionado com sua vivência guardada na memória coletiva, a qual configura-se numa sistematização da cultura local como uma maneira de sentir e compreender a vida que nos cerca” (Costa, 2020 p.126). Ele capta a potência do boi real e a reproduz por meio de movimentos corporais.

Marcos Lucas Falcão de Souza (45 anos), coreógrafo do boi Caprichoso, também descreveu detalhadamente o processo de criação das coreografias para o boi-bumbá evolução:

na criação de toadas da evolução de boi, de Galera, são movimentos mais livres, porque o único elemento que tem mesmo de fato, concreto é o boi, aquele boi de pano, de espuma, que a gente vê ali como se fosse realmente um brinquedo que a gente manuseia e passa nossas emoções através de um brinquedo de pano e espuma. A gente não passa exatamente uma coreografia, o item Tripa do Boi, ele não tem especificamente um coreógrafo, ele por si só, ele já tenta imaginar o boi, os movimentos de boi e tudo mais. Uma vez quando o Marquinhos Azevedo ainda era vivo, eu falei para ele: - por que tu não faz isso, por que tu não faz aquilo? Mostra um boi, um touro mais bravo ou então faz um outro boi mais mimado, como se fosse uma coisa mais meiga, quando for com a Sinhazinha. A gente procurava apenas orientar dessa forma. Já para a coreografia de palco, a gente tenta colocar movimentos, imaginar o movimento que eles fazem debaixo do boi, quando eles têm vários posicionamentos

de quando o Tripa coloca, fica embaixo do boi, que é aqui para segurar. Tem dentro da cabeça que faz com o próprio braço, o boi mexer aqui, que mexe a orelha, porque tem uns comandos dentro. A gente tenta imaginar e ver se fica bom do jeito que realmente eles fazem debaixo do boi (entrevista, 2024).

Veja-se que, o boi-bumbá evolui conforme o quadro no qual aparece, se é com a Sinhazinha, ele tem movimentos suaves, mas se aparece com o seu Amo ou para a sua galera, ele evolui com movimentos fortes e vigorosos. Para Gonzaga (2002, p.139), “se contextualizarmos o boi em diferentes culturas, poderemos constatar que ele é um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho, de sacrifício.” As diversas simbologias desse animal aparecem no decorrer das apresentações dos bois no festival.

Após criarem as coreografias, esses artistas passam para os grupos de dançarinos⁴² que aprendem e, em seguida, repassam aos torcedores durante os ensaios nos currais⁴³. As coreografias, de modo geral, são elaboradas para o palco, galera e arena do Bumbódromo. Por isso, nos bois-bumbás existem equipes de coreógrafos que são responsáveis por essas diferentes criações.

As coreografias do boi de pano ficam sob a responsabilidade de quem dança debaixo do boi, ou seja, compete ao tripa criar o bailado e, ainda, realizar os comandos que farão o boi se movimentar durante as suas apresentações, visando sempre aproximá-lo ao boi real.

a pessoa é apaixonada por um boi de pano, que quando a gente tá com ele, as pessoas acham realmente que ele é um boi real. Isso faz com que as pessoas se apaixonem. É diferente de ele tá parado num pedestal, tu olha, tu tira uma foto. Mas quando eu pego o Caprichoso, como eu falo, naquele momento parece que a gente se torna um só. Então, eu passo todo o meu sentimento, a minha desenvoltura para ele aparecer bonito para as pessoas que estão olhando (Alexandre Azevedo, entrevista, 2024).

Acontece que eu, incorporo ele, justamente para me ter os movimentos de um boi real. Se eu não me comparar como o boi, quando eu entro debaixo dele. Eu rezo muito, eu beijo ele lá dentro, eu rezo dentro dele. Eu

⁴² No boi Garantido, o grupo de dançarinos é chamado de Garantido Show e no Caprichoso são *Troup* vem de *trouper* (em francês que significa grupo, tropa) e Corpo de Dança do Caprichoso (CDC).

⁴³ O curral representa o local ou quadra onde ocorrem os ensaios dos brincantes dos bois-bumbás.

peço a proteção de Lindolfo, que ele amoleça esse boi para mim, por causa que com o cansaço as forças vão se perdendo, que ele se faz mole para mim. Aí pronto. Vem, parece aquele “zzzz”, que aí pronto. Porque é muito movimento só com uma mão, olha aqui, ó. Isso aqui, ó. Meu músculo é bem aqui. Foi tudo arrebetando embaixo desse boi. Esse osso aqui da base do braço, ele desloca só ele. Ele vem e eu ponho de novo. É por causa que é muito movimento aqui a orelha. Ele vem pra cá para o rabo e vem. Tá vendo? É muito movimento. Aí com o corpo quente ninguém sente, mas depois quando passa...E é movimento assim, se tu não tiver prestando atenção, tu perde de movimento todinho. É orelha, rabo, cabeça, rabo, aí vem pro lado, vem para o outro, boca, come capim, come sal, sopra fumaça, tudo isso. É praticamente um boi real. Olha, o Garantido, é um boi real. Vai se mexendo, vai se transformando. Em leveza, em um boi, leve. Um boi com movimento de dengoso. Onde conquista coração, onde conquista criança, onde conquista pessoas que estão te olhando. Porque muita gente pensa que o boi só é uma coisa, só é uma mexida, Garantido, Caprichoso. Mas se tu vê, é diferencial. O Caprichoso dança diferente. Eu danço diferente do Caprichoso” (Piçanã, entrevista, 2024).

Note-se que, cada tripa tem uma forma própria de manusear o boi de pano, além de realizarem rituais antes e após entrarem debaixo dele para enfim evoluírem. Os diferentes bailados dependem da geografia física do boi e da desenvoltura do tripa que precisa ter resistência e equilíbrio para realizar esses movimentos.

De acordo com Cordeiro (2017, p.256-257),

O tripa deve assegurar que o boi de pano capture as capacidades e habilidades de um boi de carne, ou seja, se ingere em boi de carne. Ele, por sua vez, embaixo da indumentária desse ‘boi’, precisa capturar as capacidades e habilidades dos dois bois, em outros termos, se ingerir em boi de carne e em boi de pano, para garantir que o boi de pano se ingere em boi Garantido.

Esse é o objetivo do tripa, se ingerir no boi de carne para dar vida e movimentos ao boi de pano. Esta espécie de simbiose surpreende os jurados e emociona a galera que reage conforme a execução perfeita desses movimentos. Debaixo do boi, ele não é somente um homem, mas adquire as capacidades e habilidades do boi real para dá vida e movimentos reais aos bois Garantido e Caprichoso. O tripa

representa uma nação, uma torcida que luta aguerridamente para ver seu boi campeão, e que a cada movimento imagina um boi real.

Se ingerar não significa simplesmente transformar, como mencionado anteriormente, como se uma coisa passasse a ser outra, pelo contrário se ingerar significa uma condição de captura de habilidades, capacidades, energias do entorno, sem deixar de ser o que se é.

Ingeramento, nesse sentido, compreendido como dispositivo que captura do outro ou do meio em torno de si potencialidades; não como dispositivo apenas de transformação, mas, e também, de geração/propulsão de potencialidades; agenciador de devir, no dizer deleuziano, ou dispositivo de apreensão de afecções e afetamentos. Logo, dinamizador da alteridade ontológica em fluxo (Cordeiro, 2017, p.268).

No instante em que o tripa entra debaixo do boi, seria como se abrisse um portal para uma outra dimensão onde se experimenta intensamente os sentimentos e as emoções do brincar de boi. Nessa relação intrínseca, as interações físicas dos brincantes e torcedores com partes do corpo do boi podem ser percebidas pelo tripa, como ressaltou, ainda, Denildo Piçanã,

na hora que a galera vem junto, a emoção transborda lá dentro, aí eu quero fazer muito mais, melhor ainda do que eu tô fazendo. O boi sou eu. Se você pegar na cara do boi, na cabeça do boi, eu estou vendo tudo, porque ele é fibra, é tipo assim, tu coloca um vidro e coloca um vidro fumê. Você não vê por dentro, mas quem que está lá dentro te vê. Mesma coisa ali. Eu não posso te ver, mas a tua mão, a sombra eu vejo lá dentro. Eu vejo quando ele está com o rosto, com a boca, te beijando. Por isso que ele fica todo dengoso assim. Porque isso é muita dedicação (entrevista, 2024).

Veja-se que, os bois de pano não são apenas uma peça folclórica, um objeto inanimado, mas sim um canal de interações entre o tripa, os brincantes, os torcedores e tudo o que essa cultura representa. Essas interações com o público são essenciais para a evolução do boi-bumbá, pois o boi reage de acordo com esse público, tendo postura amorosa ou vigorosa conforme a situação.

Esse processo corresponde a um fluxo constante de energias da qual todos os envolvidos nessa manifestação popular se nutrem, revigoram potencialidades e

ultrapassam os limites entre o real e o imaginário. Ou seja, eles se ingeram captando as energias e potencialidades em seu entorno para projetarem novas realidades, como ressaltou a dançarina do Garantido, Kalíria Samanta Matos Reis (32 anos):

foi através do boi que eu conheci novos horizontes, foi através do boi que eu comecei a ter uma responsabilidade como mulher, como menina, de colocar um sustento para dentro de casa, que através do boi que eu comecei a ter o prazer de ganhar dinheiro. Desde nova querer trabalhar, e o boi para mim representa isso (entrevista, 2024).

Para esta dançarina, a execução das coreografias, não se resume em simples imitação dos movimentos dos bois, ao contrário, existe uma troca mútua na qual seu corpo transmite aos outros o amor pela cultura do boi-bumbá, enquanto que esta manifestação cultural transfere para ela uma energia e força que a revigora para a labuta diária. Ela absorve as potencialidades do boi, adquirindo capacidades que antes não desenvolvia, permitindo assim uma fluidez no modo de existir, pois “se permite estar em constante devir, em permanente fluxo, e apto a se ingerar em força” (Cordeiro, 2017, p.254).

Além disso, fazer parte do grupo de dançarinos do boi lhe proporcionou viajar, conhecer novos lugares e ainda receber uma remuneração que contribui no sustento de sua família, fortalecendo ainda mais o sentimento de pertencimento à cultura do boi-bumbá.

É nesse universo, onde ocorre o diálogo entre o mundo dos humanos e o mundo dos espíritos, dos bichos e dos encantados que se constitui o festival folclórico de Parintins. Nesse universo predomina a crença na fluidez e conexão entre esses espaços, num eterno movimento.

CONSIDERAÇÕES

O Festival Folclórico de Parintins tornou-se um dos grandes espetáculos da cultura popular no Brasil. Aos poucos, foram introduzidas inovações tecnológicas e de robótica nas apresentações do festival que transformaram blocos alegóricos inertes em paisagens onde os seres e os espíritos da floresta aparecem e travam a eterna luta entre o bem e o mal. Dentre essas criações de movimento estão os próprios bois-bumbás Garantido e Caprichoso.

Os bois-bumbás foram criados por gente simples em homenagem aos santos juninos. Os negros Lindolfo Monteverde e os irmãos Cid com a família Gonzaga são

apontados como os mentores dessa brincadeira que saiu das ruas e alcançou novos espaços para suas apresentações, até a construção do Bumbódromo. O Mestre Jair Mendes é considerado o precursor dos primeiros movimentos tanto do boi Garantido quanto do boi Caprichoso, ao criar o “boi biônico”. Ele utilizou a madeira, o ferro, a espuma para a confecção do boi de movimento. Atualmente, os seus sucessores, Piçanã e família Azevedo, aperfeiçoaram a técnica, introduzindo a fibra de vidro, a técnica da pastelagem, juta, veludo, emborrachado e outros materiais que deixaram esses bois mais leves e com maior maleabilidade.

A relação entre tripa e boi de pano é construída na artesanaria da confecção do boi, onde criador e criatura estabelecem os primeiros laços até o momento que este artesão, sendo o tripa, “veste” o boi e se ingera no boi real para dar vida ao boi de pano. O ingeramento corresponde a um mecanismo de reflexão cosmológica de forte influência dos nativos da Amazônia, bem como fonte de conhecimento para a cura de doenças e ainda um mecanismo de comunicação e de boa convivência entre os seres humanos e os espíritos que habitam as águas, as matas e as florestas dessa região.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Odineia. **Explosão de estrelas no reino do Boi-Bumbá Caprichoso**. Editora Zoe, 2013.
- ANDRADE, M. O Bumba-Meu-Boi. In: **Danças Dramáticas no Brasil**. 3. tomo. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL: Fundação Pró-Memória, 1982.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte/ Editora da Universidade do Amazonas, 2002.
- CAVALCANTI, M. L. V. C. **Rivalidade e afeição: ritual e brincadeira no bumbá de Parintins**. Manaus: UEA, Autobiografia, 2022.
- CAPRICHOSO. **Revista Amazônia nossa luta em poesia**. Parintins: Boi Bumbá Caprichoso, 2022.
- CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **A canoa da cura ninguém nunca rema só: o se ingerar e os processos de adoecer e curar em Parintins**. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, 2017.
- COSTA, Pedro Vanuso Tavares da. **Trajetórias e processos de criação dos artistas plásticos em Parintins**. Alexa Cultural: São Paulo/ Edua: Manaus, 2020.

- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. 1. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Festas religiosas populares em terreiros de culto afro: festas populares nos terreiros. In: **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Sérgio Ivan Gil Braga (Org.). Manaus: EDUA, 2007.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.
- GEERTZ, Clifford. Uma Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.
- GOMES, Vandir dos Santos. **A evolução das alegorias no festival folclórico de Parintins e sua representatividade na concepção artístico cultural**. Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas, 2014.
- GONZAGA, Amarildo Menezes. A geografia mítica do boi. *Somanlu*, vol.2, número especial, 2002.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). In-ventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi- Bumbá do Médio Amazonas e Parintins. Universidade de Brasília, 2018.
- LE MOS, Verena Cansanção da Silva. **O festival folclórico de Parintins**. Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília, UNICEUB, 110 pág. 2005. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/festival-folclorico-de-parintins/> Acesso em: 12/07/2024.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas: poesia I**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- MAUÉS, Raimundo Herald. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico . Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia** . Belém: Cejup, 1995.
- MEIHY, J. C. S. B. (2005). **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro do folclore amazônico**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, I Tomo, 1964
- TRINDADE, Deilson. **As Benzedeadas de Parintins: práticas, rezas e simpatias**. Manaus: Edua, 2013.

_____. **Boi-Bumbá de Parintins, o trabalhador e o trabalho nos bastidores do Festival.** Manaus: Valer, 2023.

SILVA, Yago Pereira da; CORRÊA, Rosimay. A confecção do boi de pano e os processos civilizadores no Festival Folclórico de Parintins, Amazonas. **Anais do III Simpósio Processos Civilizadores na Panamazônia: Tecnização e modus vivendi na Panamazônia**, Manaus: Ufam, 2024.

TRINDADE, Deilson. **Boi-Bumbá de Parintins, o trabalhador e o trabalho nos bastidores do Festival.** Manaus: Valer, 2023.

PESSOA, Simão. **Jair Mendes e a invenção do “boi biônico”**. Kandyru, 2019. Disponível em: <https://kandyru.com.br/causos-de-bambas/jair-mendes-e-a-invencao-do-boi-bionico/>. Acesso em: 12/08/2024.

WAWZYNIAK, João Valentin. **Humanos e não-humanos no universo transformacional dos ribeirinhos do rio Tapajós-Pará**. Dossiê- Amazônia: sociedade e natureza. Mediações, Londrina, v. 17 n.1, p. 17-32, Jan. /Jun. 2012.